

ANNO I.

N. 4.

REVISTA FLUMINENSE

1868.

NOVEMBRO

SEMANARIO NOTICIOSO, LITTERARIO, SCIENTIFICO, RECREATIVO, ETC., ETC., ETC.

PROPRIETARIO E UM DE SEUS REDACTORES

PEDRO ORSINI GRIMALDI PEREIRA DO LAGO.



ASSIGNATURA.

CÓRTE E NICHÉROY:

Por anno.....	12\$000
Por semestre.....	6\$000
Por trimestre.....	3\$000

Não se recebem assignaturas por menos do 3 meses, sen-
do estas pagas adiantadas, como é de costume. Os Srs. as-
signantes terão sempre direito a todos os números deste
jornal, comprehendidos no trimestre, semestre ou anno de
sua assignatura. Subscreve-se nesta typographia e nas prin-
cipais livrarias da corte.

ASSIGNATURA.

PROVÍNCIAS:

Por anno.....	16\$000
Por semestre.....	8\$000
Por trimestre.....	4\$000

Os Gallegismos.

Sem temermos incorrer nas iras dos puritanos da lingua que fallamos, apresentando hoje uma idéa que será para elles talvez um absurdo, um verdadeiro paradoxo, procuraremos demonstrar que longe de serem repelidos, como magistralmente ordenão os nossos classicos, os gallegismos, ou palavras estranhas de que fazemos uso em nosso idioma, devem pelo contrario ser aceitos e cultivados, como termos necessarios para exprimir cabalmente as nossas idéas, quando estas não o sejam ou não o possam ser pela technologia da nossa lingua.

Ao enunciarmos semelhante proposição, parece-nos sobre nós já ver desabar uma terrível tempestade de doces, de recriminações e de furiosos anathemas.— Pouco importa, deixaremos cair a procella, e procuraremos abrigo na opinião dos homens sensatos.

O que chamaõ elles *gallegismos*? O mesmo que chamaõ os romanos aos *hellenismos* ou *grecismos*, isto é, aquellas palavras que pouco a pouco o vulgo foi adoptando do grego na lingua latina, e depois ficarão em uso, e por fim se considerarão latinas; termos que a principio foram pronunciados com estranheza, mas que por fim se familiarisarão e se constituirão palavras necessárias.

E o que significa isto?—Que o espirito, necessitando da palavra para anunciar suas idéas, é o unico, individualmente, capaz de abraçar esta ou repellir aquella expressão que não traduz ou manifeste claramente o seu pensamento.

Assim, pois, desde que o espirito se cultiva, e vai cada dia tomando maior desenvolvimento em sua ilustração, vai tambem adquirindo o conhe-

cimento de novos termos ou nos livros que aprende, ou no uso quotidiano da palavra, aplicada a estes ou aquelles misteres, segundo as circumstâncias, ou conforme os costumes e usos dos lugares e dos tempos.—Isto é logico.

Ora, se como diz Pelletan, o mundo marcha; se elle tende progressivamente a constituir-se uma só familia, a confraternizar-se com todos os povos; se as recentes e maravilhosas descobertas neste ou naquelle paiz, adoptadas em outro, levam o nome de seus descobridores e a denominação por estes dada a cada utensilio, a cada peça, a cada machinismo; se estas mesmas descobertas vão originando outras que também são recebidas com os nomes que trazem:—como querem os philologos puristas condenar e prohibir os vocabulos que no desenvolvimento das idéas abstractas as tornão mais explicitas, digamos mesmo, mais concretas?

O erudito Dom Fr. Francisco de S. Luiz, em seu curioso — *Glossario das palavras e frases da lingua franceza, que por descuido, ignorancia, ou necessidade se têm introduzido na locução portugueza moderna*, — diz que “o juizo que faz sobre cada palavra ou frase, a respeito de se poder ou não adoptar na nossa lingua, não o declara sem algum receio de errar; porque quao difícil lhe parece conciliar neste ponto os diversos gostos dos leitores, e ainda as varias opiniões dos eruditos..” E acrescenta:—“Em geral tivemos sempre diante dos olhos esta regra:—que sendo o vocabulo de boa origem, derivado conforme a analogia, e ao mesmo tempo expressivo e harmonico, se podia adoptar e trazer à nossa lingua, ainda quando nessa houvesse algum synonymo, que exprimisse o mesmo conceito—etc., e aceitando uns e condenando outros, os faz a todos

bem patentes com a significação philosophica que lhe parecem ter.

Mas nós não nos ocupamos aqui de um trabalho litterario, de uma demonstração de longo folego sobre a conveniencia do *neologismo*.

Os homens mais sabios de todas as épocas o têm condenado; porém elles mesmos o têm reconhecido como de grande utilidade.

Deixemos fallar sobre elle o Sr. J. I. Roquette, em sua introdução sobre os synonymos da lingua portugueza; diz elle:

"O *neologismo*. Esta lepra de que estão mais ou menos iscados os modernos escriptos, quer isto venha da ignorancia da lingua vernacula, quer proceda do frequente uso de livros estrangeiros, nomeadamente franceses, tem insensivelmente introduzido uma notável alteração na indole e feições da lingua; e com a substituição de palavras novas ás antigas e mui portuguezas que exprimem a mesma idéa, tem crescido consideravelmente o numero dos synonyms. Em vão têm protestado alguns litteratos contra tão funesto abuso; não se estancou todavia esta fonte, e continda a derramar, mais que nenhuma outra, grande copia de synonyms. ,.

"Taes são, continua elle, as principaes causas que entre nós têm dado tanta extensão à synonymia das palavras. ,.

E acrescenta:

"E qual é, nos perguntará alguem, a theoria dos synonyms? Responderemos com o Padre Roubaud: definilo-se os termos, tirem-se das definições suas diferenças, e confirmem-se com o uso. ,.

Ora eis aqui comprovada a utilidade do *neologismo*.

Se elle é a fonte que derrama grande copia de synonyms, na frase desse classico philologo, e se o "estudo dos synonyms, como diz M. Guizot pelo mesmo Sr. Roquette citado, exerce a sagacidade do entendimento acostumando-o a distinguir o que seria facil confundir; determinando o sentido proprio dos termos, previne as disputas de palavras de que são quasi sempre causa os equivocos e amphibologias; fixa o uso, do qual vem a ser a testemunha e o interprete; collige, por assim dizer, as folhas dispersas em que se contêm os oraculos desta imperiosa syllaba; pôde até suprir-as ajudando-se dos recursos que a analyse logica e grammatical lhe

ministrão; faz adquirir ao estylo aquella propriedade de expressão, aquella precisão, que é a pedra de toque dos grandes escriptores; enfim enriquece a lingua de todos os termos, os quaes distingue de um modo positivo, porque não é a repetição dos mesmos sons, senão a das mesmas idéas, que enfatia e cança o leitor: — „ se tudo isto que se diz do synonymo provém do *neologismo*; como se poderá logicamente negar a utilidade do *gallecismo*, quando este preencha perfeitamente aquellas condições do *neologismo*? "

Quem poderá contestar a utilidade de muitas palavras adoptadas do francez, a principio repugnantes *gallecismos*, e hoje tão perfeitamente identificadas com a nossa locução, que até estranhariamos ouvil-as dizer que são de origem franceza?

Quem dirá hoje, por exemplo, que são *gallecismos* ou *neologismos* as palavrns: *ambicionar, anedocta, annuidade, árabesco, armistício, cabotagem, cadastro, chicana, commandar, comprimentar, contabilidade, conducta, debuche, decepção, detalhar, edifícante, effusão, egoísmo, emigrar, emoção, endossar, engajar, espectador, etiqueta, exactidão, exigir, exportar, favorito, solicitar, genio, imbecil, inabalável, inacção, insignificante, intriga, libertino, manobra, mensagem, nuances, patriotismo, populaça, população, prematuro, projecto, projectar, recruta, recrular, redigir, redactor, redacção, reprimenda, retrogradar, rival, rivalidade, romance, rotina, senso, sensato, sortida, succumbir, tapessar, taxa, temível, vilenento, voluptuosidade, e tantas outras?*

Por aqui se vê que do mesmo modo podemos adoptar outras, não só do francez, como do inglez, etc., desde que ellas satisfäo claramente a significação plena do pensamento.

E haja vista algumas que já estão hoje autorisadas por não terem em sua significação, sem periphrase, verdadeiro equivalente em portuguez; como v. g.: *doká, egoísmo, etapa, emigração, nuances, pret, recruta, redactor*, etc.

Assim também não vejo razão para que se desprezem e condenem outras que, quando tenhamos equivalente em portuguez, não deixão todavia de prestar grande auxilio na enunciação clara dos nossos pensamentos; e na frase do já citado Dom Fr. Francisco de S. Luiz—"porque estamos persuadidos que convém a qualquer idioma ter não só vocabulos correspondentes á cada

ídea, mas ainda variedade d'elles com o mesmo significado, para que o douto e avisado escriptor possa escolher a seu arbitrio, segundo a natureza e qualidades da sua composição, evitando a fastidiosa repetição dos mesmos termos, e a cançada uniformidade da locução e estylo. ,.

Se nós já adoptámos e autorisámos algumas que nos são inteiramente necessarias por não possuirmos equivalentes; porque rasão estranharímos e repelliremos outras só porque as temos com a mesma idéa em portuguez? Pois eu porque tenho a palavra—fronteiro, ou a allocução—de fronte—devo condenuar o *gallecismo* ou *neologismo*—vis-à-vis?

Devo do mesmo modo repellir a palavra—enveloppe—que me designa perfeitamente o envoltorio da carta, para adoptar esta de um sentido genericó e abstracto, e que necessita de um circumloquio?—Calembourg, por—qui-pro-quó(palavras adoptadas do latim; se não ha *gallecismo* ha *latinismo*); rendez-vous por paragem, estancia, entre-vista? E terão estes vocabulos a mesma significação genuina d'aquelle, que parece designar ao mesmo tempo o numero de pessoas, o lugar e a hora em que a entre-vista se ha de dar?

Mas sejão ou não condenados os *gallecismos*, o certo é que elles são e hão de ser sempre empregados em nossas allocuções quer como *synonymos*, quer como puros *neologismos* para exprimir com precisão as nossas idéas.

Praguejem-nos muito embora os Srs. philologos e lexicographos puristas; elles hão de continuar à proporção que a necessidade de sua applicação os invocar; mas o que se torna conveniente é não abusar d'elles, empregando-os por pedantismo, sem necessidade, e quando não se prestam por *synonymia* à clareza e discernimento das idéas.

Eis aqui pois um assumpto digno de estudo para os amantes das letras, que offere arena vasta para o combate, e que deve trazer grande gloria para as nossas letras. Atiramos a luva; a provocação é:—*Serd util o gallécismo ou neologismo, considerando que o mundo tende para uma geral confraternisação?*

Jacta est alea!

L. M. PECEGUEIRO.

Da autoridade dos Evangelhos

POR M. FRAYSSINOUS
Bispo de Hermopolis.

(Traduzido por L. M. Pecegueiro).

(Continuado do n.º 2.)

Dirijo-me a um incredulo, e pergunto-lhe: haverá na antiguidade uma obra cuja authenticidade possa ser garantida por provas capazes de atrair aquele que se não quizer deixar levar pelo pyrrhonismo mais declarado? Não se teria por um louco o que pretendesse contestar a Demosthenes, a Cicero, a Cesar as obras que attestão seus nomes? Como foi recebido pelo mundo illustrado o famoso pae Hardouin quando pretendeu, contra a fé de todos os séculos, roubar a Virgilio a gloria de ter composto a Eneida? Qualquer se envergonharia de considerar-se discípulo d'esse erudito em paradoxos, ainda mesmo que elle os tivesse sabido apoiar em rasões apparentes. Pois bem! Seria na verdade mais facil cahir em semelhantes absurdos do que contestar aos discípulos de Jesus Christo os livros reverenciados com seus nomes por todas as igrejas christas.

Quem poderá aqui exigir a critica mais severa? Pretender-se-ha que a authenticidade de nossos Evangelhos seja apoiada por uma tradição universal, immemorável, e mesmo escripta, das sociedades christas? Pretender-se-ha que ella seja apoiada nos testemunhos d'aqueles mesmos que devem ser os inimigos naturaes d'esses livros? Pretender-se-ha emfim que ella seja apoiada na impossibilidade de assignalar uma época em que elles tivessem podido com feliz exito ser suppostos por um impostor? Na verdade eis ahí uma causa que pôde contentar o espirito mais difficil: e qual é a obra da antiguidade profana, que reuna em seu favor caracteres tão numerosos, tão brilhantes de authenticidade? São esses portanto os titulos que assegurão a dos nossos quatro Evangelhos.

Disse ha pouco que ella era apoiada na tradição constante, immemorável das sociedades christas. Indague-se dos povos christaos esparlhados pela superficie da terra; pergunte-se-lhes de onde houverão os titulos de sua origem, de sua crença, de sua moral, e de seu culto; achal-os-hemos discordes em alguns pontos de

doutrina ou de disciplina, mas todos se congregarão para nos apresentar os quatro Evangelhos como o fundamento de sua religião.

E quanto não é admirável este acordo ! Com efeito, não se trata de livros que não interessem a causa alguma, que não tenham alguma ligação com dogmas religiosos, com as regras dos costumes, e que, por isso mesmo, não inspirem aos cristãos mais que um mediocre interesse ; não se trata de livros abandonados no gabinete de alguns curiosos, compulsados apenas por um pequeno numero de amadores, e que não gozem de immensa publicidade ; não se trata de livros conhecidos tão somente por alguns rumores fracos e vagos, acreditados unicamente entre classes ignorantes do povo.

Quando nos recordamos dos nossos Evangelhos, recordamo-nos dos livros que são a fonte da religião de um grande numero de nações, que por sua propria importância, têm devido constantemente despertar a atenção do mundo christão, achar-se nas mãos das classes ilustradas da sociedade, tornar-se perpetuamente a regra dos pastores das igrejas, ser em todos os tempos discutidos, examinados com o maior cuidado e a maior severidade. Como era possível acreditar-se que com tais livros todo o mundo christão se deixasse illudir até hoje, e que mesmo dos primeiros tempos mais proximos dos factos, tantos povos tão oppostos em costumes, em lingua, e em clima, se mostrassem concordes em acreditar como viudas dos apostolos obras que na verdade d'elles não provinhão ?

(Continua.)

Fragmento de um romance.

(Vid. o n. antecedente).

Nublou-se a face dos céos !...

A estrela fulgurante da noite apagou-se ! O genio das procellas, esvoaçando de norte a sul, estende suas negras azas sobre a terra, intercepta a luz da aurora, eclipsando os esplendores do sol !

Farfalha o palmeiral ! A tempestade é certa ! Será sympathia ou escarneo ?

A tempestade horrível de minha alma iguala a esta da natureza, que se antepõe à meus olhos !

A magestade do horrível que tem o trôar d'aquelle trovao, é identica à magestade do grito dorido e plangente que me sahe do fundo d'alma, e chega a meus labios articulando este nome :

— Maria !...

Maria ! Anjo da fatalidade ! protótipo da beleza e da devassidão ! filha da luz cahida nas sombras ! estrella que brilha, mas cujos raios me queimão e ferem o coração !

E assim é a vida do homem ! ?... E a morte trará consigo as mesmas illusões ? Tudo o que nos cerca será uma mentira horrivel que vem esmagar sob seu peso as crenças mais íntimas d'alma e tornar em tenebrosa noite a luz radiosâa da esperança ! ?...

Maria ! — Nome magico que se me atravessava na flor dos labios, e os refrigerava dos aís ardentes e doloridos que me flagellavão !

Maria ! — Candida flor que principiava de abrir os primeiros fólios de sua corolla, inebriando-me com os angelicais aromas que se desprendião do seu calix !

Maria !... — Demonio horrivel que me atirou no anthro incommensuravel da dor, attrahindo-me com o imau de sua belleza à infamia de sua perdição !

Imbecil ! miseravel que sou !

E penso acaso seguir os invios caminhos d'essa mulher perdida e aviltada pelo contacto impuro da ultima camada social ?

Que importa o dia de hontem com o de hoje ? o passado com o presente ?

As flores que nascem hoje não morrem ao sol abrasador de amanhã ? E a flor que morrer amanhã o que deixará para depois ? — Os espinhos... só os espinhos.

Ah ! Maria ! hei de ter a soberania de lançar-te na face o escarro do desprezo ! Varrer-te hei da idéa, assim como outr'ora nunca te soube aparatar de minha alma de amante !

In sensato !...

Quando penso fugir de ti, mais me seduzes, levando-me de rastos nas fimbrias dos vestidos de gala que a perdição te empresta !

Triste fadario ! Cadêa cahida a meus pés, que tantas vezes tenho levantado para recingil-a a meus pulsos !

Desconheco a minha natureza ; tudo em mim se demudou ! O brio de homem trocou-se pela infamia do sevandija, por esse punhal da hora, que me abandona, e de cujos golpes embalde procuro defender-me !

Oh ! quanto é horrivel amar-se uma mulher perdida !

Venha a affagadora mão do amigo applicar-me o balsamo celeste nas saugrentas feridas de minha alma.

Seja esta pagina do meu diario a ti, meu Luiz, consagrada ; porque tu és o unico ponto luminoso d'este horizonte de trevas, d'este céo fuliginoso de minha vida !

Luiz, tu és o unico astro que fulgurante brilha por entre a confusão dos elementos agitados que toldão a serenidade dos céos !

Se um dia te chegarem estas paginas de dó e

de tristura, chora sobre ellas. Eu presagio não possuir-as por muito tempo.

O presentimento de morte mora-me no coração desde que senti os ferreos dedos da fatalidade esquadrinhal-o, arrancando de seus inviolaveis depositos as venturas, as felicidades que ahi estavão ha vinte annos em acervo!

Grandes e muitas erão as venturas; a remoção d'ellas para o inferno deve abranger tanto tempo, quanto me seja bastante para u' estas esforçadas luctas do infortunio, succumbir entre os flagios do desespero.

Como é triste pensar, Luiz, que os encantos de angelicos sorrisos que ahi estavão guardados, vão ser trocados por pungentes gemidos; que os suaves aromas das rubras rosas do pudor de um anjo, vão ser substituidos pelos bafoes peçonhetos de uma mulher perdida; e que a luz dos céos que alumiava esse cortejo de ditas, apagar-se-ha para flammejar o facho infernal de Satan, destacando uma por uma todas as minhas angustias no combate renhido do espirito contra a materia, na ardente peleja da materia contra o espirito!

Mas... não partão de mim essas venturas de outr' ora sem que deixem em sua fuga um rastro luminoso que indique o caminho por onde tu, meu amigo, possas certeiro achar o fóco das desgracas que actuão sobre mim.

Preciso é, pois, muita coragem para que eu reproduza na lembrança as minhas felicidades! Hei de levar aos labios delicioso nectar, e depois traval-os em fel, em veneno, na amargura da dor!

Sim; o odio que me domina contaminou todos os meus sentidos, todas as minhas faculdades, porque vivo sujeito a um anjo satanico que sabe amar e mentir, que sabe sorrir e matar; esse anjo é Maria!

E porque te não direi, Luiz, as minhas penas?

No relatar do passado, como que um goso de felicidade deve minorar-me as dores de hoje e fortalecer-me para as do futuro.

E meu pae?... E minha mãe?...
Deixa-me chorar, Luiz!... (Continua.)

GRIMALDI

O Preço da Fidelidade

(TRADUZIDO DO FRANCEZ)

Um rei da Persia, sempre escrupuloso em acreditar em seus cortezãos, tomou a resolução de retirar-se por algum tempo de sua corte no intuito de, percorrendo incogitadamente o interior de suas provincias, observar e estudar o povo em plena simplicidade campestre, e ouvir-l-o fallar em liberdade das cousas de seu paiz.

Neste designio, escolheu para acompanhá-lo alguns de seus cortezãos em quem reconhecia sinceridade. Percorrerão juntos diversas villas e aldeas. O príncipe vendo os rusticos camponezes entregues, com toda a simplicidade que lhes é natural, ás dansas e cantigas inocentes, ficou

maravilhado de achar distante de sua corte tão innocentes e tranqüilos prazeres.

Um dia em que elle, depois de um longo passeio sentio-se com grande appetite, entrou, para jantar, em uma humilde choupana, e achou que os grosseiros alimentos que lhe offerecerão, satisfarão mais agradavelmente ao paladar, que todas as delicadas iguarias de que ordinariamente servião sua mesa.

Passando um outro dia por uma campina esmalhada de flores, e banhada por um pequeno ribeiro, divisou á sombra de um frondoso olmo um jovem pastor a tocar flauta, junto do rebanho que apascentava; perguntando elle seu nome, soube que se chamava Alibée, e que seus pais moravão na aldeia vizinha.

Esse moço, sem ser afeminado, tinha uma bella e gentil figura; era cheio de vivacidade, sem petulancia nem inconsideração; e não tinha, como presupõe-se-hia, vaidade de beleza e de espirito, mostrando-se superior aos outros pastores do cantão; sem educação, suas idéas se havião entretanto desenvolvido e cultivado por si mesmas.

O rei entrando em palestra com elle, ficou admirado de sua conversação; aprendendo de sua natural franqueza muita cousa que interessava ao estado do seu povo, e que jamais ouvira de seus cortezãos. Sorriu-se o rei muitas vezes da ingenua simplicidade desse moço que, sem offendê-ninguem, manifestava seus pensamentos.

— Eu bem vejo, dizia o monarca, afastando-se do lado do seu confidente, que a natureza não é menos bella, nem menos aprazível nas ultimas condições da vida, que nos mais elevados graus da sociedade. Príncipe algum me pareceu ainda mais amável que esse jovem pastor que vive com seu rebanho: que pai deixarás de se considerar feliz, tendo um filho de tão bella figura e de uma alma tão sensivel? Estou certo que uma apurada educação aperfeiçoará singularmente seu espirito, desenvolvendo mil talentos que me serão de grande utilidade.

Em consequencia, o monarca levou consigo Alibée, resolvido e disposto a instrui-lo em todas as sciencias e em todas as artes agradaveis e que pudessem ornar o espirito.

A sua primeira entrada na Corte, Alibée ficou deslumbrado de tanto explendor; e todos esses objectos brilhantes e novos para elle, essa mudança de fortuna tão subita e tão imprevista, produzirão algum effeito sobre sua alma e sobre seu caracter: em lugar de seu cajado, de sua flauta e de seus vestidos pastoris, vio-se revestido de roupas de purpura bordadas d'ouro, trajando, em vez de seu leve e rustico chapéu, um turbante coberto de diamantes.

Em breve suas idéas ganharão o maior desenvolvimento, seu espirito encheu-se de conhecimentos uteis, tornando-se em pouco tempo capaz de administrar os negocios mais sérios e de transcendentale importancia.

Merecendo Alibée toda a confiança do rei, que o amava como seu discípulo, e reconhecendo n'elle um gosto especial por tudo que era curioso

e magnifico, deu-lhe um dos cargos mais consideraveis da Persia, — o de guarda das joias e efectos preciosos de seu palacio.

Em quanto o principe viveu, Alibée gosou de taes favores que de dia em dia mais lhe augmentavao o prestigio; mas entretanto, e a medida que sua idade avancava, mantinha com saudades a lembrança de seu retiro; e a tranquillidade de seu estado primitivo vinha muitas vezes enternecel-o em pleno palacio.

— "Oh! dias felizes! dias innocentes, exclamava elle, dias em que gosei de uma alegria pura, sem mescla de penas e de lagrimas! dias os mais doces de minha vida! Aquelle que me privou de vós, para dar-me todas as riquezas que posso, despojou-me de todos os meus bens: eu não os tornarei a achar em seu palacio. Felizes! mil vezes felizes aquelles que jamais conhecêrão as miseras das cortes dos reis! Aqui todas as minhas vontades são adivinhadas e satisfeitas; não tenho tempo de desejar cousa alguma: todos os meus sentidos são agradavelmente lisonjeados, e meu amor proprio gosa dos respeitos de todo um povo, e dos cuidados de um grande e poderoso rei; e entretanto todos esses gosos multiplicados não têm a doçura de um só dos sentimentos que eu experimentava quando, pela manhã de um bello dia, ao nascer da aurora, entrava nas campinas, acompanhado de meu fiel rafeiro e de meu rebanho: que seria pois se eu me assemelhasse a qualquer d'esses cortezaos, que vejo pallidos e ralados de uma ambição insaciavel?!"

Alibée, tão pouco sensivel aos prazeres da corte dos reis, não tardou muito que não tivesse de experimentar as desgraças que se lhes inherem.

O velho monarca, que o extremcia e amava, morreu, cedendo o throno á seu filho.

Desde entao os invejosos assentario de o perder no espirito do novo rei; ensináro-lhe que Alibée havia abusado da confiança que seu pae lhe concedera; que havia accumulado immensas riquezas e desencaminhado grande quantidade de efectos preciosos confiados á sua guarda.

O rei, que tinha tanto de moço como de credulo, vaidosamente crio poder reformar muitas cousas que fizera seu pae.

Para ter um pretexto de tirar-lhe o lugar que occupava, ordenou a Alibée, por conselho dos cortezaos, que lhe trouxesse o alphange guarnecido de diamantes, que o rei seu pae costumava a trazer nas batalhas.

Alibée trouxe-o, apresentando-o ao rei; mas o alfange estava desguarnecido de suas pedras preciosas. O monarca o creu logo culpado dessa falta; mas Alibée provou que essas pedras havião sido tiradas por ordem de seu pae, e antes que elle, Alibée, estivesse de posse do cargo que entao exercia. Os cortezaos, envergonhados do mau successo de sua intriga, empenhárao-se ardentemente em perseguir o homem de bem que projectavao perder; e aconselhárao ao rei, que fizesse Alibée apresentar-lhe no prazo de 15

dias, um repertorio de todos os efectos de que elle era guarda.

O prazo expirou; o rei quiz ser presente á abertura do respectivo deposito, Alibée abriu-o perante elle, apresentando-lhe todas as joias e objectos que lhe havião sido confiados, cada um dos quaes estava arrumado por ordem e conservado com escrupulos cuidado.

O rei, surpreendido de tanta exactidão e fidelidade, lançava já olhares de indignação sobre os accusadores, quando estes mostrárao-lhe no fim da galeria uma porta de ferro, fechada por tres grandes fechaduras.

— "E' sob esta porta, lhe disserão elles, que Alibée guarda os thesouros que roubou a vosso pae.."

O rei, tornando-se furioso, ordenou que a porta fosse aberta *incontinenti*. Alibée lançou-se a seus pés rogando-lhe que não lhe tirasse o unico bem a que ligava importancia sobre a terra.

— "Não é justo, lhe disse, o me despojar des em um momento de tudo quanto posso, depois de ter com fidelidade servido tantos annos a vosso pae. Tomai tudo o que elle deu-me, mas deixai-me o que eu posso aqui.."

Os cortezaos triumphárao em sua alma; pois esta resistencia não fez mais que augmentar as supposições do rei que, cheio de colera, ameaçando-forçou-o a obedecer.

Alibée, toma, pois, as chaves, e abre a porta mysteriosa.

Qual foi a sorpreza do rei e de seus inimigos, quando virão um cajado, uma flauta e os vestidos de pastor! Erao estes objectos os mesmos que Alibée outr'ora havia usado, e que os visitava algumas vezes, por conservar a lembrança e o amor que tinha á sua primeira condição!

— "Grande rei! disse elle, vede os restos de minha primitiva felicidade: este thesouro me enriquecerá quando me tiverdes despojado de tudo quanto podeis tirar-me: eis aqui as solidas riquezas que jamais podem faltar: ellas bastarão sempre á felicidade do homem que sabe amar a innocencia e contentar-se com o necessario, sem se astormentar loucamente pelos bens frivulos que nunca reunem um sentimento de mais á felicidade real. Oh! instrumentos simples e queridos de uma vida feliz, como eu vos quero e amo! E' com vosco que eu estou disposto a viver e morrer. Grande rei, eu vos reponho sem penas nem saudades tudo quanto me deu vosso pae, e não guardarei senão o que me pertence desde antes que elle me obrigou a vir para a sua corte.."

O rei, em extremo penalizado com semelhante sorpresa, ficou assás convencido da innocencia de Alibée, fazendo recahir sua indignação sobre os cortezaos que o havião illudido.

— Sahi, impostores, lhes disse elle, e fugi de minha presenca..

E logo fez Alibée seu primeiro ministro, encarregando-o de todos os negocios mais secretos e importantes.

Alibée morreu primeiro ministro, e pobre. Não consentiu jamais que nenhum de seus inimigos fosse punido. Não deixou a seus parentes senão os bens necessários para os criar e educar na condição de pastor, que elle olhou sempre como a mais feliz e mais segura.

A cruz de Maria.

LENDAS.

Alguem o viu—alta noite,
Lá, no longínquo horizonte,
Entre as moutas, sobre o monte,
Uma luzinha avistou
O cansado peregrino,
Que um instante meditou ;
Depois, parando em seus passos,
Abaixou cabeça e braços,
E no chão se prosternou.

O que vira ?—Junto d'elle
Anjo, em fórmula de mulher ;
O que diz elle ?—o que quer ?
Porque os passos lhe prendeu ?
E que luzinha é aquella
Que ao longe resplandeceu ?...
Não o sabe o peregrino,
Sentio um sopro divino
Apenas dizer.—Sou eu !...

Mas eu, quem ?—Elle não falla,
O peregrino está mudo ;
Ouve e vê, conhece tudo,
Mas debalde quer fallar :
Mão de ferro opprime o peito,
E vê seus olhos cerrar ;
Perde a força em seus artelhos,
E só firme nos joelhos,
Não se pôde levantar.

De repente ergue a cabeça,
Abre os olhos, busca a luz ;
Mas em frente de uma cruz
No caminho vê que está !...
Que cruz é esta ?!—Diz elle :
—Quem foi que te trouxe cá ?...
Quer erguer-se, mas não pôde ;
A voz de novo lhe acode :
—Sou eu.. sou eu..—Quem será ?!..

—Quem será ?!..—Entao já falla,
E ouvio que o éco dizia :
—Eu sou a cruz de Maria,
De Maria que te amou ;
A luz que lá vês, é ella,
Ella, que a vida passou
Só em te amar, peregrino,
E a quem teu braço assassinou
Em suas rosas murchou !...—

—Ella !.. Maria !.. esse monte...
Este lugar... esta cruz !...
Oh ! céos !... que brilhante luz !...
Que triste recordação !...

Se eu podesse orar por ella !...
Obter o seu perdão !...
Ah ! sim, passou-me a agonia...
Ao ver a cruz de Maria
Chegou-me enfim a razão !...

Pobre louco !—Era alta noite,
Lá, no longínquo horizonte,
Entre as moutas, sobre o monte,
Chorando, se prosternou ;
Alguem viu—o peregrino,
Que um instante meditou,
Para lá movêra os passos,
E com a cruz em seus braços
Morto—depois o encontrou.

L. M. PECHEUERIO.

Coisas e loisas.

E o terceiro artigo que escrevo.

Tenho a ingenuidade de crer que as *Coisas e Loisas* são sempre recebidas com especial agrado de meus ilustrados leitores.

Entretanto, às vezes duvido de meus triunfos e tenho medo que as horas não se manifestem em alguma sova de páu..

O leitor talvez deseje uma explicação à respeito, e eu passo a satisfazer sua curiosidade.

No numero passado falei em uma formosa jovem que se tinha casado com um sujeito idiota.

Ora, a especie de maridos idiotas não é rara e por isso vi-me aborrado com uma sucia desenfreada que pediam explicações tão impertinentes como as que um deputado da oposição solicita ao ministro sobre certas e determinadas despezas feitas pela verba « Eventuais ».

Safai-me da rascada dizendo à cada um de per si :

— Nas minhas palavras não havia intenção de offender á V. S. — à quem preso e estimo por sua intelligencia, ilustração e virtudes. —

Os individuos forão-se contentes e eu fiquei sôlo e salvo.

O mesmo não pôde dizer um *Urbano*, se é verdade o que se me diz no seguinte bilhete que recebi :

« Um pobre *Urbano* foi recolhido á polícia com as tentas esborrachadas (safa !) »

No principio pensamos que havia sido vítima de sua dedicação pelo serviço policial, mas depois soubemos com espanto que fôra o proprio Comandante de Distrito que o mimoseava com aquelle presente para maior honra e gloria da nova disciplina militar á taponas.

Zero não crê em patativa desta carta; é impossível que exista um Comandante de Distrito *Urbano* tão pouco urbano.

Estamos na maré das explicações.

E morto um jacaré.

O meu collega Será Sério? do *Jornal do Commercio*

noticia a execução do animal com aquelle chiste que é proverbial em tão distinto e amavel escriptor. Parecia que a negociação abrira.

Qual?

A polícia, ao saber a morte do Jacaré, treme... assusta-se... e... expede terminantes ordens ao subdelegado para dar explicações sobre tal *atentado*!

Que informação daria o subdelegado? ignoro!

Ali daquelle que não dá esclarecimentos à polícia mesmo d'aquillo que não sabe! Pensão que é falso? ouçam:

Na rua da Misericordia, em frente á casa de uma família respeitável, aparecem os fragmentos de uma garrafa. Um *Urbanino* percebe-os às 11 1/2 horas da noite.

— Uma garrafa destruída! Talvez que generoso vinho ou excelente canna de Paraty (consolação para mim) inutilizada! brada o nosso homem, e apita.

Immediatamente acode a turba multa da segurança e tranquilidade publica, batem á porta, e aberta ella quem obrigar uma pobre preta da casa á dar explicações sobre a maldita garrafa.

A preta, que nada sabe á respecto, nada pôde dizer... Dão-lhe então a voz de prisão e cercão a casa. A familia assustada permanece toda a noite acordada, até que de manhã comparece o commandante da estação, e a miseria é arrastada á prisão!.....

Saberá desta proesa o commandante geral do Corpo de Urbanos, cavaleiro á quem presamos porque o merece?

Divididos.

Já que tudo se explica, quizera que me dissessem com certeza se existe um commandante de distrito que acorda seus subordinados ameaçando-os com um punhal!

Ignorará S. S. que o punhal é a arma do sicário, a espada a do militar na peleja, e a palavra persuasiva a do homem bem educado na sociedade?!

Nesta época de materialismo, egoísmo e descrença, ainda ha homens generosos e dedicados que arriscão sua pelle para salvar a vida de outrem.

Zero não julga fora de propósito registrar nas *Coisas e Leis* uma destas ações sublimes (infelizmente raras) que fazem crer ainda no exercício desta magestosa maxima ensinada á humanidade pelo Divino Martyr do Golgotha? — «Faz aos outros o que desejas que se pratique para contigo em idênticas circunstâncias.»

Francisco José Machado, sem duvida aborrecido de viver, lançou-se ao mar na praia de Santa Luzia, no dia 21 do corrente, ás 8 horas da manhã. As ondas o arrojaram bem longe da praia.

O inspecto Fogaça, que compareceu, não tinha mais esperança de salvar Machado, quando de repente Antonio Miguel Pereira, em uma fragil canoa entrega-se ás ondas enfurecidas, luta com elles, luta tambem com o louco suicida, e restitue Machado á sociedade!

Zero entusiasmado estende sua mão á dextra callosa do pobre operario Antonio Miguel Pereira, salvador de um seu semelhante!

Em a noite de 21 do corrente teve lugar a primeira partida da Sociedade Philarmônica Fluminense, nos seus salões á rua da Constituição.

Foi executadas diferentes peças, principiando pela ouverture de Nabucodonozor a grande orchestra, composta unicamente de amadores.

Diversas vozes, alias nossas conhecidas, se fizerão ouvir, com prazer nos fazendo recordar dos bellos saraós da Campesina.

O Sr. Arthur Napoleão, que é sempre um dos primeiros a concorrer para engrandecer essas noites de harmonia, executou ao piano uma bella phantasia de sua composição.

Ao Sr. Ayres, habil e distinto director da orchestra, damos sinceros louvores pelo feliz resultado que obteve de sua pericia e zelo.

Dando, pois, á Illustre Directoria os nossos emboras pelos esforços que empregou, e esperando a continuação de tão agradáveis noites, como essa de que falamos, todavia quizeramos deixar de notar o luxo excessivo com que algumas damas se apresentaram, deixando de atender ao pedido prévio que lhes foi neste sentido feito pela mesma Directoria.

Se o luxo invadir os salões da Sociedade Philarmônica Fluminense, a quem sinceramente desejamos muitos anos de existencia, não poderá permanecer muito tempo.

Chamamos a atenção das nossas leitoras para a delicada lenda —A cruz de Maria— publicada neste numero, no lugar respectivo.

E' mais uma flor mimosa com que o meu collega o Sr. L. M. Pecegueiro quiz brindar os assignantes dessa *Revista*. Joven modesto e talentoso, o Sr. Pecegueiro tem-se tornado conhecido por seus bellos escriptos em prosa e verso.

Au revoir.

Zero.

Anedocta.

DOIS PREVIDENTES:—Um caloteiro dos mais conhecidos da cidade estava ajustando um criado, e perguntou-lhe se tinha quem o abonasse.

— Tirou-me V. Ex.^a a palavra da boca, respondeu o homem; isso mesmo estava eu agora para perguntar a V. Ex.^a por causa das soldadas.

Problema.

50 Laranjas de tres preços:—de 1/2 real cada uma, de 3 réis e de 5 réis custarão 50 réis.

Pergunta-se o numero de laranjas de cada preço?

Enigma.

Oblo—z + c a 10—z+oo q l n t 100—0 amp. rá.